UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

LUIZ MORENO GUIMARÃES

DESTINO E *DAÍMON* NA PSICANÁLISE

São Paulo
2018

LUIZ MORENO GUIMARÃES

DESTINO E *DAÍMON* NA PSICANÁLISE

(Versão original)

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP) como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Área de concentração

Psicanálise freudiana; Teoria dos Campos

Orientador

Prof. Dr. João Augusto Frayze-Pereira

Agência de fomento

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Processo: 2014/02920-2

São Paulo

2018

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Guimarães, Lutz Moreno

Destino e daimon na psicanálise / Lutz Moreno Guimarães; orientador João
Augusto Frayze-Peretra. -- São Paulo, 2018.

336 f.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social) -- Instituto de
Psicologia, Universidade de São Paulo, 2018.

1. Psicanálise. 2. Destino. 3. daimon. 4. metapsicologia freudiana. 5. Teoria dos
Campos. I. Frayze-Peretra, João Augusto, orient. II. Título.

Nome: Guimarães, Luiz Moreno

Título: Destino e *daímon* na psicanálise

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP) como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Para Clarinha.

AGRADECIMENTOS

“Um galo sozinho não tece uma manhã.”

João Cabral de Melo Neto

Ao Prof. João Augusto Frayze-Pereira, por quem conservo imensa gratidão, que se expressa sob a forma de um simples e profundo *obrigado*: obrigado por estar em mim mais do que eu estava em mim mesmo e, assim, orientar-me nesta pesquisa e para além dela.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo fomento (Processo: 2014/02920-2): auxílio crucial, sem o qual este seria um trabalho menor.

À psicanalista Leda Herrmann e à Prof.^a Adélia Bezerra de Menezes, que participaram do Exame de Qualificação e me ajudaram a perceber que o projeto inicial era desmesurado, me livrando de inúmeras pretensões e abrindo outros caminhos.

Aos psicanalistas Daniel Delouya e Camila Salles Gonçalves, por aceitarem se juntar a nós no Exame de Defesa.

Ao Prof. Rinaldo Voltolini, pelas inúmeras trocas ao longo dos anos, nos grupos de estudo.

Ao Prof. Luís Cláudio Figueiredo, pela supervisão no estágio do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE).

Ao Luiz Eduardo de Vasconcelos Moreira, pelo tráfico bibliográfico.

Ao Paulo Henrique Quintana e ao Thiago Luzzi, amigos de uso diário.

À Nina, minha irmã, leitora paciente dos meus textos e dos meus erros.

À Evelyn e à Clara, por nossa divertida vida em família e porque eu as amo tanto...

“Toda vida humana é destino em estado impuro.”

Guimarães Rosa

RESUMO

GUIMARÃES, L. M. Destino e *daímon* na psicanálise. 2018. 336 f. Tese (Tese de Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

O objetivo desta pesquisa é contribuir para a investigação psicanalítica do Destino. Nesse intuito, acompanhamos os desdobramentos da noção na obra de dois psicanalistas – Sigmund Freud e Fabio Herrmann –, reunindo e retomando suas análises sobre o tema, além de nos arriscarmos a elaborá-las um pouco mais. O argumento se divide em duas partes: I. Versões do Destino em Freud; II. Destino na Teoria dos Campos. A Parte I começa com o exame do termo destino na leitura freudiana de *Édipo Rei* e do drama de destino presente na atmosfera de invenção da psicanálise (1897-1900). Em seguida, reconstrói o artigo que inaugura o Destino como problema clínico – “A significação do pai no destino do indivíduo”, de Carl Gustav Jung (1909) – e termina detendo-se na metapsicologia do Destino, articulando as considerações freudianas sobre o assunto, que surgem a partir de 1920. A Parte II se inicia recuperando o espírito norteador da Teoria dos Campos: o resgate do horizonte vocacional da psicanálise. Passa, então, a comentar a definição de Destino que consta no livro *Andaimes do real: psicanálise da crença* (1998) e, por fim, inclina-se sobre a teoria dos três tempos, formulada por Herrmann (1991, 2001, 2015). O percurso demonstra que há duas concepções opostas de Destino na psicanálise: de um lado, a que nomeamos de Destino compulsivo (em Freud), de outro, de Destino dialogal (em Herrmann). E, na qualidade de proposta original da tese, há o convite para a apropriação do termo grego *δαίμων* (*daímon*) como conceito metodológico: *daímon* é o operador da passagem do Destino compulsivo para o dialogal. Conclui-se que esse trânsito define o próprio processo analítico, reencontrado no interior de uma única palavra: Destino. A pesquisa se encerra com alguns estudos complementares, que desenvolvem ideias específicas derivadas das conclusões.

Palavras-chave: psicanálise, Destino, *daímon*, metapsicologia freudiana, Teoria dos Campos.

ABSTRACT

GUIMARÃES, L. M. Destiny and *daímon* in psychoanalysis. 2018. 336 f. Thesis (PhD) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

The goal of this research is to contribute to the psychoanalytic investigation of Destiny. In this sense, we follow the unfolding of the notion in the work of two psychoanalysts - Sigmund Freud and Fabio Herrmann -, gathering and resuming their analysis on the subject, and risking to elaborate them furthermore. The argument is divided into two parts: I. Versions of Destiny in Freud; II. Destiny in Fields Theory. Part I begins with the examination of the term destiny in the Freudian reading of *Oedipus Rex* and the Destiny Drama surrounding the birth of psychoanalysis (1897-1900). It then reconstructs the article that presents for the first time Destiny as a clinical problem - Carl Gustav Jung's "The Father's Significance in the Destiny of the Individual" (1909) -, and it ends by dwelling on the metapsychology of Destiny, articulating Freudian considerations on the matter as of the year 1920. Part II begins by recovering the guiding spirit of the Fields Theory: the rescue of psychoanalysis' true vocation. It then goes on to comment on the definition of Destiny that appears in the book *Andaimes do real: psicanálise da crença* [Scaffolding of the Real: Psychoanalysis of Belief] (1998), and finally it leans on the Three Times Theory created by Herrmann (1991, 2001, 2015). The course demonstrates that there are two opposing conceptions of Destiny in psychoanalysis: on one hand, what we call compulsive Destiny (in Freud), on the other, what we call dialogic Destiny (in Herrmann). And according to the original proposal of the thesis, this research invites the reader to consider the Greek term *δαίμων* (*daímon*) as a methodological concept: *daímon* is the operator of the passage from the compulsive Destiny to the dialogic one. It concludes that this transit defines the analytical process itself, rediscovered within a single word: Destiny. The research ends with a few complementary studies that present specific ideas derived from the main conclusions.

Keywords: psychoanalysis, Destiny, *daímon*, Freudian metapsychology, Fields Theory

RÉSUMÉ

GUIMARÃES, L. M. Destin et *daïmon* en psychanalyse. 2018. 336 f. Thèse (Doctorat) — Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

L'objectif de cette recherche est de contribuer à l'étude psychanalytique du Destin. Dans ce but, on accompagne les déploiements de la notion dans l'oeuvre de deux psychanalystes — Sigmund Freud et Fabio Hermann — en reprenant les analyses qu'ils ont portées sur le thème tout en prenant le risque de les poursuivre d'avantage. L'Argument se compose de deux parties: I. Versions du Destin chez Freud; II. Destin dans la Théorie des Champs. La Partie I débute sur l'étude du terme destin à travers la lecture freudienne d'*Œdipe roi*, aussi bien que sur le drame de destin latent dans l'atmosphère qui habite l'invention de la psychanalyse (1897-1900). Par la suite, on reconstruit l'article qui introduit le Destin comme un problème clinique — “Le rôle du père dans le destin de l'individu”, de Carl Gustav Jung (1909) — et termine en s'arrêtant sur la métapsychologie du Destin, en articulant les considérations freudiennes sur ce sujet qui apparaissent dans les années 1920. La Partie II commence par retrouver l'esprit directeur de la Théorie des Champs: la récupération de l'horizon vocationnel de la psychanalyse. Elle poursuit sur un commentaire de la définition de Destin présente dans le livre *Andaimes do real: Psicanálise da crença* (1998), et aboutit en s'inclinant sur la théorie des trois temps formulée par Hermann (1991, 2001, 2015). Le parcours démontre qu'il y a deux conceptions opposées de Destin en psychanalyse: d'un côté celle que nous nommons Destin compulsif (chez Freud); de l'autre, un Destin dialogique (chez Hermann). Enfin, la proposition originale de la thèse est d'inviter à l'appropriation du terme grec *δαίμων* (*daïmon*) comme concept méthodologique: *daïmon* en tant qu'opérateur du passage du Destin compulsif au dialogique. On y conclut que ce transit définit le propre processus analytique, retrouvé à l'intérieur d'un seul mot: Destin. La recherche se termine avec quelques études complémentaires qui développent certaines idées spécifiques dérivées des conclusions.

Mots-clé: psychanalyse, Destin, *daïmon*, métapsychologie freudienne, Théorie des Champs.

RESUMEN

GUIMARÃES, L. M. Destino y *daímon* en psicoanálisis. 2018. 336 f. Tesis (Doctorado) — Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

El objetivo de este estudio es contribuir a la investigación psicoanalítica del Destino. Para tal propósito seguimos los desdoblamientos de la noción en la obra de dos psicoanalistas — Sigmund Freud y Fabio Herrmann —, reuniendo y retomando sus análisis sobre el tema, además de arriesgarnos a elaborarlas un poco más. El argumento se divide en dos partes: I. Versiones del Destino en Freud; II. Destino en la Teoría de los Campos. La Parte I comienza con el examen del término destino en la lectura freudiana de *Edipo Rey* y del drama de destino marcando la atmósfera de invención del psicoanálisis (1897-1900). En seguida reconstruye el artículo que inaugura el Destino como problema clínico — “El significado del padre para el destino del individuo”, de Carl Gustav Jung (1909) — y finaliza deteniéndose en la metapsicología del Destino, articulando las consideraciones freudianas sobre el tema, que surgen a partir de 1920. La Parte II se inicia recuperando el espíritu de dirección de la Teoría de los Campos: el rescate del horizonte vocacional del psicoanálisis. A seguir comenta la definición de Destino que consta en el libro *Andaimes do real: psicanálise da crença* [*Andamios de lo real: psicoanálisis de la creencia*] (1998) y, por último, se inclina sobre la teoría de los tres tiempos, formulada por Herrmann (1991, 2001, 2015). El recorrido demuestra que hay dos concepciones opuestas de Destino en el psicoanálisis: por un lado, la que denominamos Destino compulsivo (en Freud), por otro, la de Destino dialogístico (en Herrmann). Y en calidad de propuesta original de la tesis, hay una invitación a apropiarse del término griego *δαίμων* (*daímon*) como concepto metodológico: *daímon* es el operador del paso del Destino compulsivo hacia el dialogístico. Se concluye que este tránsito define el propio proceso analítico, reencontrado al interior de una única palabra: Destino. La investigación finaliza con algunos estudios complementarios que desarrollan ideas específicas derivadas de las conclusiones.

Palabras clave: psicoanálisis, Destino, *daímon*, metapsicología freudiana, Teoría de los Campos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
Balizas.....	17
O estilo de investigação.....	20
Convenções	24
PARTE I – VERSÕES DO DESTINO EM FREUD.....	26
CAPÍTULO 1 – O DRAMA DE DESTINO DESDE A LEITURA FREUDIANA DE ÉDIPO REI.....	28
1. 1. <i>Édipo Rei</i> na aurora da psicanálise.....	28
1. 2. O fracasso do drama de destino.....	44
1. 3. Qual é o sujeito do Destino?.....	56
1. 4. O medalhão	67
CAPÍTULO 2 – DESTINO ENQUANTO QUESTÃO CLÍNICA: ANÁLISE DO TEXTO INAUGURAL DE JUNG	75
2. 1. O texto-carta	76
2. 2. As linhas iniciais.....	80
2. 3. Casos clínicos	83
2. 4. Primeiras considerações metapsicológicas	94
2. 5. Críticas de Jung ao próprio texto	98
2. 6. A epígrafe.....	101

CAPÍTULO 3 – DESTINO COMPULSIVO107

3. 1. Compulsão de destino	108
3. 2. Três formas de repetição	121
3. 3. O demoníaco e o diabólico	126
3. 4. A última figura do Super-eu	130
3. 5. Humor e Destino	134

PARTE II – DESTINO NA TEORIA DOS CAMPOS144

CAPÍTULO 4 – O RESGATE DO *DAÍMON* DA PSICANÁLISE.....145

4. 1. <i>Alkahest</i>	145
4. 2. Qual química para a psicanálise?	151
4. 3. Campo Psicanalítico.....	155
4. 4. Onde vamos guardar o método da psicanálise?	161
4. 5. Entre <i>daímon</i> e Destino	164
4. 6. Os tourinhos de Picasso	170

CAPÍTULO 5 – CRENÇA E DESTINO173

5. 1. Abalos poéticos.....	173
5. 2. A função da crença	176
5. 3. Destino como excedente de desejo	180

CAPÍTULO 6 – O TEMPO EM ANÁLISE184

6. 1. De um livro não escrito	184
6. 2. <i>The time is out of joint</i>	186
6. 3. Tempo curto.....	189
6. 4. Tempo médio.....	195
6. 5. Tempo longo.....	202

6. 6. Entrecruzamento dos tempos	207
6. 7. <i>Geste à peau</i>	211
CAPÍTULO 7 – DESTINO DIALOGAL	216
7. 1. Articulações.....	217
7. 2. Tempo transitivo	226
FINAL SEM SÍNTESE	237

PARTE III – DESATINOS IMPLICADOS: ESTUDOS COMPLEMENTARES	239
---	------------

CAPÍTULO 8 – ETIMOLOGIA DE <i>DAÍMON</i>	240
8. 1. Duas etimologias	240
8. 2. A erudita	243
8. 3. E a <i>erosdita</i>	246
8. 4. Definição	251
8. 5. O vaso.....	252

CAPÍTULO 9 – INTRODUÇÃO À ANÁLISE DO DESTINO DE LEOPOLD SZONDI	254
9. 1. Uma vida dedicada à noção de Destino	255
9. 2. Notas sobre a análise do destino	262
9. 3. Oráculo em <i>Matrix</i>	272

CAPÍTULO 10 – EM BUSCA DA DEFINIÇÃO PSICANALÍTICA DE HUMANO ...	279
10. 1. Uma cena de <i>Blade Runner</i>	279
10. 2. Duas análises opostas e complementares	284
10. 3. Diferenciações	287

10. 4. Padecer do significante	290
--------------------------------------	-----

CAPÍTULO 11 – O PARADOXO DO MESMO E OUTRO: ANÁLISE DE UMA TIRINHA DE LAERTE.....293

11. 1. O Mesmo	294
11. 2. Questões iniciais	295
11. 3. Feitiço do tempo	297
11. 4. Entre dois quadrinhos.....	299
11. 5. Maldita compulsão.....	300
11. 6. Repetição demoníaca	302
11. 7. Transformando Destino em trabalho	304
11. 8. Imagem mitológica, texto trágico.....	305
11. 9. Falta pouco.....	306
11. 10. A ruptura pela mera continuidade	307
11. 11. O Clandestino.....	310

REFERÊNCIAS	311
--------------------------	------------

INTRODUÇÃO

*“... in order to study our dreams it is necessary to dream;
and in order to dream it is necessary to sleep.”*

G. K. Chesterton

Balizas

Qual é a leitura psicanalítica da noção de Destino? Tal pergunta resume os estudos desta tese. A bem da verdade, ela é uma versão reduzida de um projeto inicial mais amplo e mais pretensioso.

Em um primeiro momento, a pesquisa assumiu a forma geral de investigação das continuidades e descontinuidades entre a noção de Destino na psicanálise e o termo grego *δαίμων* (*daímon*) nas tragédias de Sófocles, buscando identificar alguns ecos do pensamento trágico na psicanálise. Ainda que tenhamos nos preparado consideravelmente para a empreitada, logo percebemos que não conseguiríamos realizá-la a não ser de modo panorâmico, ou pior, desimplicado, o que não traria nenhuma contribuição substancial. Hoje, o antigo ponto de partida nos parece desmesurado, pois continha em si uma *ὑβρις* (*hýbris*). Ao desrespeitar os próprios limites, havíamos assumido um fardo mais pesado do que poderíamos carregar.

A saída encontrada foi a subtração: utilizando-se do adágio acadêmico, escolhemos fazer menos para fazer melhor. Ou seja, não abandonamos o objeto inicial, apenas reconhecemos que nosso fôlego não nos conduziria tão longe e nos contentamos em percorrer a metade do caminho. Limitamos o objetivo a delinear e levar adiante a contribuição psicanalítica para a questão do Destino – este é o nosso fio condutor. Do segundo recorte, surgiram as três partes aqui presentes:

- I. Versões do Destino em Freud;
- II. Destino na Teoria dos Campos;
- III. Desatinos implicados: estudos complementares.

Enunciado de maneira simples, o intuito é reunir o que dois autores-psicanalistas – Sigmund Freud e Fabio Herrmann – disseram sobre o Destino e dizer um pouco mais. O paradoxo (ou o autoconsolo) é que talvez a problemática inicial, que incluía uma proximidade maior com o

trágico de Sófocles, tenha se mantido como pano de fundo, percorrendo sub-repticiamente as três partes, e, apenas assim, colaboramos para sua investigação.

Além disso, ressaltamos que nem todas as variantes do Destino na psicanálise serão examinadas nesta pesquisa. Não temos pretensão exaustiva, mas sim comparativa: a escolha dos autores (Freud e Herrmann) se deu pelo fato de que, no cotejamento das diversas análises feitas sobre o Destino, evidenciou-se a oposição que habita essa noção, possibilitando, assim, desenhar duas concepções simetricamente contrárias. Chamamos uma de Destino compulsivo e outra de Destino dialogal – e, tal como em um ímã, são como polos opostos no interior de um mesmo termo, uma sorte de origem antitética da palavra Destino.¹ Apenas ao final da pesquisa, talvez tarde demais, reconhecemos que estávamos a analisar o trânsito de uma definição para outra: os caminhos que levam do Destino compulsivo ao dialogal – esta passagem, que é o objeto retroativo, também constitui o próprio processo analítico. Com isso, ao esboçar a investigação psicanalítica do Destino, foi possível também rever o trabalho da análise.

—

Estudar uma noção psicanalítica tem suas peculiaridades. Uma das principais é a conservação de certo grau de indeterminação. Ao ser evocada em distintos contextos de análises e ao se articular com diferentes conceitos, ela adquire outras formas e descobre figuras alteradas de si mesma. É, inclusive, difícil encontrar um termo ou um conceito freudiano que se repita *ipsis litteris* de um texto para outro. Há, no mínimo, uma nuance ou uma modulação, quando não há mudanças radicais.

Com o Destino não é diferente. Circunscrevendo-nos apenas ao universo freudiano, é notável como a palavra engloba vários aspectos, algo similar a um dado com várias faces. Uma delas voltada para *Édipo Rei* e o drama de destino, trazendo, assim, um aporte literário. Outra entrelaça Destino e repetição na expressão compulsão de destino, muito próxima da clínica. Outra, ainda, relaciona Destino e humor por meio do posicionamento singular diante da última figura do Super-eu. E haveria, em outros campos de análise, outros semblantes, alguns pouco estudados ou desconhecidos. De tal maneira que Destino, em Freud, já é plural e, antes de encontrar um traço comum a essas distintas utilizações, é preciso conviver com sua

¹ Essa cisão na noção de Destino não é um argumento original. Diversos autores já a destacaram, nomeando-a de diferentes formas: Karl Reinhardt (1933), por exemplo, distingue entre *destino monológico* e *destino dual*; Leopold Szondi (em boa parte de sua obra) divide o *destino* entre *coercitivo* e *de escolha*; e Christopher Bollas (1992) diferencia *destino* e *fado*. Mas, vale lembrar, com Freud (1920/2010), que “Prioridade e originalidade não

polissemia. Capturar o Destino está fora de cogitação, tentamos apenas cuidar das suas múltiplas formas.

Pois bem, a refração do sentido da noção indica que ela foi tocada pelo campo em análise; quer dizer, sua indeterminação é uma espécie de abertura ao outro. Ato contínuo, sua definição dependerá do que se entrelaça ou se mistura. Toda noção psicanalítica está aberta a uma exterioridade que, a princípio, lhe é alheia. É algo simples, mas nos parece crucial manter vivo em nossas pesquisas: um conceito não pode ser definido sem a instauração de uma alteridade em seu núcleo. A imagem do paciente habitando o centro do consultório é crua e fiel; sem a fala do outro, não há análise. A interpretação psicanalítica, quando de fato acontece, realiza uma dupla operação: por um lado, rompe o campo em análise, possibilitando o vislumbre de suas regras constituintes (em resumo, altera o outro); por outro lado e ao mesmo tempo, incorpora na psicanálise a particularidade destilada do campo rompido (em suma, altera a si mesma). Há uma alteração recíproca inerente ao exercício da psicanálise.

Resgatar e examinar algumas das polissemias do Destino é o objetivo mais geral. Não pretendemos estabelecer uma compilação de todos os usos que Freud e Herrmann fizeram do termo. Não se trata disso, e sim de retomar o preciso momento em que uma alteridade contamina essa concepção e permite a criação de uma definição. O leitor – depois de ter visitado umas dez ou quinze análises diferentes em que o Destino surge e ressurgue, adentrando cada campo em que o termo foi evocado e, principalmente, acompanhando de perto as suas rupturas – construirá em seu íntimo, ao menos, duas ideias do que é Destino, e esta é talvez a melhor forma de aprender (sem apreender) uma noção psicanalítica. Só a partir daí pode-se derivar a particularidade do Destino que é apropriada pela psicanálise.

Este é o nosso lugar: não pretendemos nos colocar em uma posição exterior à psicanálise, ao modo de um comentador distanciado que se põe a falar sobre ela. Mas também não nos limitamos à posição de quem fica no interior da psicanálise, como um adepto que só fala sobre ela e tudo a partir dela. Gostaríamos – isso, sim – de ocupar o lugar de quem habita a psicanálise, isto é, habitar no sentido de *implicar-se*, conservando “*uma silenciosa abertura ao que não é nós e que em nós se faz dizer*” (Frayze-Pereira, 2010a, p. 38).

—

Antes de iniciar, há de se reconhecer que esta pesquisa é um encontro com o pensamento clínico de Fabio Herrmann. A influência do autor – que não deixa de ser a de

se incluem entre as metas do trabalho psicanalítico” (p. 121). O esforço aqui realizado foi o de apropriar-se dessa distinção e criar a *nossa* versão.

Freud, visto que a Teoria dos Campos propõe a retomada do horizonte de vocação da psicanálise (ou, nos nossos termos, o resgate do *daímon*) – não se resume a localizarmos nele uma definição psicanalítica de Destino, mas inclui o fato de que nele também encontramos o caminho para se chegar a uma definição. Seu pensamento, assim, se faz presente não só pelo que encontra (as formulações a que chega), mas pelo o que requer (o compromisso com o método da psicanálise).

É importante destacar que seria um contrassenso fazer um comentário acadêmico sobre a Teoria dos Campos, na medida em que uma de suas propostas centrais é justamente deixar a posição abstrativa do comentador. É exequível, mas faltaria algo de sua essência. Utilizando-se de uma imagem de Jorge Luis Borges (2011), seria como escrever uma obra de astronomia sem nunca contemplar as estrelas.

Não há outro jeito senão nos arriscarmos a analisar. Mesmo quando estudamos teorias alheias, não aderimos ao conhecimento psicanalítico consagrado sem antes modificá-lo. O que fizemos foi realizar psicanálises experimentais: levamos adiante o processo de destilação analítica; construímos prototeorias a partir de revelações parciais; ensaiamos outras formas de escrita, possíveis ficções freudianas; e, em especial, tomamos cuidado com as zonas intermediárias, sobre as quais falaremos logo adiante. Enfim, tentamos nos apropriar da psicanálise colocando-a em ação ao invés de enxergá-la como um saber constituído.

É notável como a escrita caminha, da Parte I à II, em um progressivo distanciamento do estilo acadêmico. A cada segmento, citam-se menos autores, talvez excitam-se mais os leitores, e com certeza exercita-se ainda mais o pesquisador. A cada passo, torna-se menos livresca e um pouco mais livre. Até esta introdução, escrita findo o trabalho e com menos tempo do que precisaria, já traz as marcas de seu percurso.

O contato com a obra de Herrmann nos ajudou a esboçar o estilo da tese, que, de forma alguma, está definido, mas reflete alguns de seus traços. A melhor forma de agradecer por um ensinamento não é repeti-lo, e sim ousar praticá-lo.

O estilo de investigação

A noção de zona intermediária, proposta por Herrmann (2001, p. 19), se mostrou o guia investigativo da pesquisa. Em cada um dos segmentos, evitou-se a pressa para interpretar. Tal impaciência analítica pode ser definida pela rápida passagem da superfície representacional para a dita profundidade do psiquismo, semelhante a um salto que estabelece uma correspondência imediata entre representações conscientes e figuras do inconsciente. Curiosamente, esse salto interpretativo não deixa de ser uma análise simbólica, similar àquela

com que Freud rompe na *Interpretação dos sonhos*. Mas esta migrou para o interior da psicanálise sob a forma de uma tradução simultânea do conteúdo manifesto utilizando um dicionário psicanalítico. Tal operação define, por excelência, a aplicação do conhecimento psicanalítico pré-estabelecido.

Uma das principais características da pressa analítica é seu efeito indiferenciador. “Arranhe um russo”, diz o provérbio evocado por Freud (1926/1990, p. 126), “e aparecerá o tártaro sob a pele”; ou, como Herrmann (2001, p. 27) costumava dizer, “no fundo, no fundo, todos os homens são iguais; por isso, o que interessa é a superfície...”. O salto interpretativo se contenta em encontrar figuras gerais que, no final das contas, apagam a especificidade do objeto em questão.

Ao contrário, para analisar, é preciso ter calma. Sem o apoio de uma correspondência confortante, nos resta cuidar do processo de destilação que define a nossa prática: deter-nos no exame das representações para, só então, e se for o caso, desembocar nos conceitos considerados profundos. Aliás, é mais comum que esse cuidado não revele verdades gerais, mas que se depare com regras ou constantes que estão a um palmo do pensar cotidiano e que determinam as relações de um campo específico. Assim, analisar é o avesso ao salto interpretativo, pois inclui se ocupar de uma extensão que vai da superfície da realidade ao inconsciente teórico da psicanálise – uma vasta dimensão que Herrmann nomeou de zona intermediária.

Como exemplo de análises da zona intermediária, Herrmann (2001) mencionou, entre outros, o exame das variações gramaticais em torno do tema “ele me odeia” no caso Schreber (Freud, 1911), tão importante quanto a descoberta da projeção na paranoia. Ou ainda as observações sobre o sentido da forma negativa de juízo em *A negação* (Freud, 1925), que forneceu o estofo para a formulação da marca do inconsciente no *não*. Também poderíamos mencionar análises do próprio Herrmann, por exemplo, a do *fascínio* (1979/2001), na qual o autor se deteve na manifestação de um quadro repetitivo, que escorregou ora para um lado, ora para outro. O acompanhamento da repetição, com suas modulações e seus distintos desfechos, está de igual para igual com a interpretação a que chegou, por mais fascinante que esta seja: o fascínio é uma mistura de asco com ridículo. São apenas menções a análises que levaram em consideração a zona intermediária, isto é, estudos que focaram a decomposição química da superfície representacional antes de se arriscarem a uma conclusão. Afinal, são tais decomposições que sustentam as conclusões, não o contrário. Nelas, ao invés de saltar, o analista se autoriza a mancar: “O que não podemos alcançar voando, devemos alcançar

claudicando. (...) Segundo as Escrituras, não é pecado mancar” (Rückert, in Freud, 1920/2010, p. 239).

Eis, então, que a noção de zona intermediária, por si só, comporta um estilo de investigação no qual sempre se encontrará uma reflexão sobre a profundidade da superfície: “Não num submarino mergulhado nas regiões abissais do inconsciente, mas num nado relaxado, com máscara, tubo e pés-de-pato” (Herrmann, 2001, p. 19). Nado relaxado para o leitor, assim esperamos; para o pesquisador, é um trabalho e tanto de composição. Oposição interessante: os saltos interpretativos são consideravelmente fáceis de fazer, mas requerem um esforço a mais do leitor, que deve criar o intervalo que os sustenta no melhor dos casos ou deve anuir com a rápida passagem no pior deles. São textos fáceis de serem escritos, mas complicados de serem lidos. Por outro lado, as análises que se ocupam da zona intermediária não requerem do leitor outra coisa senão que as acompanhe, bem como assumem para si os erros: aquilo que não foi bem descrito, não foi bem compreendido. São textos facilmente lidos, mas árduos de serem confeccionados.

—

Usando termos da Teoria dos Campos,² a zona intermediária localiza-se entre o real (entendido como estrato produtor do humano, no qual os grandes motivos comuns – paixão, guerra, morte etc. – estão plenamente ativos, operando, assim, indiferenciação e indeterminação) e a realidade (compreendida como a drástica redução do mundo dos possíveis, na qual a função geradora é aplainada e empobrecida a tal ponto que pode ser representada sob uma forma estática, a rotina). O trabalho proposto na análise da zona intermediária se dirige às camadas que vão da realidade ao real e também às esferas correspondentes no sujeito: da crosta sólida da identidade ao magma do desejo. Cristalizado na realidade, não se é; dissolvido no real, deixa-se de ser – e no trânsito entre eles, encontram-se os andaimes do mundo humano.

Não à toa, a noção de zona intermediária irá desembocar na de campo. Campo é o lugar das regras específicas que determinam as relações concretamente vividas em seu interior, e não o lugar das elaborações gerais sobre o funcionamento psíquico. A análise de um campo contém, assim, muito antes de alcançar formulações sobre as zonas abissais do psiquismo, uma reflexão sobre a trama que se esconde logo abaixo do pensamento rotineiro.

² Que retomaremos no Capítulo 5.

Em termos simples, é na zona intermediária em que se localizam as mediações indispensáveis a toda análise, assim como todo psicanalista, ainda que não a nomeie, reconhece a sua importância.

Foi o que tentamos fazer, ou melhor, foi isso que esta pesquisa se tornou: um trabalho investigativo das zonas intermediárias da noção psicanalítica de Destino. O que significa que evitamos deduzir teorias a partir de outras teorias e nos esforçamos em revisitar e expandir a zona intermediária em que elas nasceram. Isso implica ler as obras dos autores estudados e também ler o que eles leram, reambientar-se no campo para acompanhar de perto sua ruptura, o que, no caso do Destino, significa percorrer a alta literatura. A reconstrução das camadas investigativas, longe de limitar-se a reiterar as conclusões, permite, no mínimo, o destaque de elementos pouco notados, passando por consideráveis amplificações, chegando até a operar ressignificações. O simples fato de reconstruir uma análise renova o olhar sobre ela. Como em um jardim japonês composto apenas por pedra e areia, basta mudar um pouco a posição de seus componentes para se ter um novo jardim.

Sem hesitação, podemos dizer que a nossa principal contribuição são o resgate e a ampliação das zonas intermediárias que levaram Freud e Herrmann a produzirem diferentes interpretações do Destino. Dito assim, parece pouco – talvez o seja –, mas é também honesto, por ser sem álibi interpretativo. Não se trata, portanto, de compilar as elaborações sobre o Destino de autores-psicanalistas na busca por uma teoria unificada, mas revisitar com intensidade os seus distintos locais de nascimento. Podemos garantir que a tentativa de agrupamento (sucinta e que consta no segmento “Final sem síntese”) não é mais interessante do que o percurso.

Por fim, há um sentido maior em deter-se nas zonas intermediárias em uma investigação sobre o Destino, o qual só vem à tona no segmento “Tempo transitivo”. É que a pressa para interpretar se resume a reiterar as teorias consagradas, mantendo a psicanálise idêntica a si mesma, prendendo-a em uma significação e fundando, assim, um Destino coercitivo. E, dessa forma, o salto interpretativo (que não deixa de ser uma forma de assalto) subtrai de qualquer análise o que ela possui de mais interessante: a sua capacidade de assumir e alterar a própria psicanálise. Argumentaremos que a proximidade com o processo solvência, que ocorre no zelo pela zona intermediária, nos permite delinear a interpretação psicanalítica

do Destino e, ao mesmo tempo, vislumbrar o Destino da interpretação psicanalítica. Toda interpretação tem um Destino, que, contrário do eterno retorno da teoria, conduz ao reencontro com o método que a criou – o seu Destino dialogal.

Conta a *Eneida* (Virgílio, 2014) que os demônios (*δαίμονες*) não acordam ao se cavar muito fundo, mas que bastam duas gotas de sangue – ou seja, algo de sua implicação – para despertá-los.

Convenções

Empregamos Destino (com maiúscula) para distinguir o objeto, ainda que só tenhamos compreendido alguns dos seus múltiplos sentidos ao longo da pesquisa. Apenas a título de amostra, podemos dizer que Destino é uma força indeterminada que, não obstante, causa uma tremenda determinação. Com isso, queremos diferenciá-lo do *destino* (com minúscula), que, mesmo tendo intersecção semântica, comporta um sentido mais restrito (e menos aterrorizante): local aonde alguém vai, direção, meta, rumo. É diferente, por exemplo, quando Freud, em 1915, se detém sobre os destinos da pulsão e quando, em 1920, se inclina sobre a compulsão de Destino: no primeiro, destino é sinônimo de vicissitude ou desdobramento; no segundo, Destino é um traço demoníaco a reeditar uma cena desprazerosa na vida do paciente.

—

A tradução de base da obra de Freud que utilizamos é a de José L. Etcheverry, da editora Amorrortu (2006), que convertemos livremente para o português. Também recorremos, quando disponível, à tradução da editora Companhia das Letras, coordenada por Paulo César de Souza, na qual introduzimos algumas alterações conceituais.³ Nas citações da obra de Freud e Herrmann, apresentamos o ano da publicação original, seguido do ano da edição consultada e da paginação; e, no caso de coincidência do ano (o de publicação com o da edição utilizada), o que ocorre apenas na obra de Herrmann, coloca-se a data só uma vez.

Para a tragédia *Édipo Rei*, de Sófocles, usamos o texto grego estabelecido por H. Lloyd-Jones e N. G. Wilson (1990) e a transcrição do professor Trajano Vieira (2012). Nas

³ Modificações que o próprio tradutor sugere ao escrever:

[...] os leitores e psicanalistas que empregam termos diferentes, conforme suas diferentes abordagens e percepções da psicanálise, devem se sentir à vontade para conservar suas opções. Ao ler essas traduções, apenas precisarão fazer o pequeno esforço de substituir mentalmente ‘instinto’ por ‘pulsão’, ‘instintual’ por ‘pulsional’, ‘repressão’ por ‘recalque’, ou ‘Eu’ por ‘ego’, exemplificando. No entanto, essas palavras são poucas, em número bem menor do que geralmente se acredita. (Souza, 2010, in Freud, 1914-1916/2010, p. 12.)

citações, indicamos a sigla canônica *OT* (de *Οἰδίπους Τύραννος*, *Édipo Rei*), seguida do número do verso. Rara e temerariamente, nos aventuramos a traduzir pequenas passagens do grego antigo, que serão indicadas e que foram concebidas apenas para este trabalho. Todos os erros devem ser colocados na nossa conta, assim como os acertos.

—

Optamos por iniciar as Partes I e II com um roteiro do que nelas será desenvolvido, o que faz com que o texto perca algo de sua fluidez e surpresa, mas, por outro lado, ganhe em compreensão da arquitetura do argumento.

FINAL SEM SÍNTESE

“Quem não vê bem uma palavra, não pode ver bem uma alma.”

Fernando Pessoa

Acompanhamos o desdobramento da noção de Destino na obra de dois autores-psicanalistas, Sigmund Freud e Fabio Herrmann. Não tivemos pretensão exaustiva nem sintética. Quisemos resgatar e examinar algumas de suas polissemias. E só agora nos ocorre uma possibilidade agrupamento, ainda que as conclusões a que chegamos requeiram mais tempo de trabalho.

Nossa investigação permite delinear duas concepções opostas de Destino na Psicanálise. No recorte que fizemos da obra de Freud (Parte I), encontramos o Destino atrelado à noção de compulsão. Desde sua entrada literária presente na tragédia e no drama de destino, passando pelo artigo inaugural de Jung (que o estabelece como questão clínica), até as suas formulações metapsicológicas (da compulsão de destino à última figura do Super-eu), destaca-se o aspecto coercitivo do Destino, como força que leva a repetir uma experiência desprazerosa para além da intenção consciente.

Ao abordamos a Teoria dos Campos (Parte II), encontramos o Destino ligado às noções de reciprocidade e de desejo. Desde o resgate do método da psicanálise, passando pela relação entre crença e Destino, até a teoria dos três tempos, destaca-se o aspecto dialogal do Destino, o encontro com o seu horizonte de vocação, conquistado em uma análise depois de seu longo processo de depuração.

Chamamos a primeira de Destino compulsivo, e a segunda de Destino dialogal. Tal como no ímã, as duas concepções são como polos opostos no interior de uma mesma palavra. Podem ser consideradas, inclusive e respectivamente, como início e fim de uma análise.

Arriscamos a propor a apropriação do termo grego *δαίμων* (*daímon*) na Psicanálise. Irredutível a uma das figuras antagônicas do Destino, o *daímon* é o operador da passagem entre elas: em uma definição metodológica, é o caminhar do Destino coercitivo ao dialogal, percurso que define o próprio processo psicanalítico, reencontrado no interior de uma única palavra.; mas também: que palavra!¹⁵

¹⁵ Essa definição de *daímon* é psicanalítica, ou seja, ainda que o termo tenha sido retirado do universo grego antigo, em sua composição levou-se em consideração apenas o Homem Psicanalítico, isto é, o homem em condição de análise. Resta assim uma via aberta para, num segundo momento, pensá-la junto à noção antiga de *daímon*, mais especificamente tal como ela se encontra nas tragédias de Sófocles.

Por fim, se deu que, por influência do pensamento de Herrmann e talvez pela própria espessura ontológica que conecta método e Psique, fomos levados a tocar na questão do Destino da Psicanálise (seja ele compulsivo ou dialogal), ou seja, fomos induzidos a tecer algumas linhas sobre o abandono das compulsões teóricas e técnicas, indo em direção ao horizonte vocacional da prática, no qual localizamos o *daímon* da Psicanálise.

REFERÊNCIAS

- Agamben, G. (2007). *Profanações*. São Paulo: Boitempo.
- Alford, C. F. (1992). *The psychoanalytic theory of Greek tragedy*. Chelsea: Yale University.
- Armstrong, R. H. (2012). *Freud and the Drama of Oedipal Truth*. In Ormand, K. [ed.] *A companion to Sophocles*. Oxford: Wiley-Blackwel.
- Aristotles. (2005). *Poetics*. Ann Arbor, Michigan: Loeb/Harvard University Press.
- Aristóteles. (2008). *Poética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Aulete, C. (2015). *Aulete Digital – dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Dicionário Caldas Aulete, versão digital.
- Aurélio, M. (1989). *Meditações*. São Paulo: Cultrix.
- Aurelius, M. (2008). *M. Antonius Imperator Ad Se Ipsum*. Jan Hendrik Leopold. in aedibus B. G. Teubneri. Leipzig. Disponível em:
<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3atext%3a2008.01.0641>
- Azevedo, F. F. S. (2010). *Dicionário analógico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexicon.
- Bailly, M. A. (2013). *Dictionaire Grec-Français*. Paris: Librairie Hachette.
- Balzac, H. (1976). *La recherche de l'absolu*. Paris: Gallimard.
- Barros, M. (2009). *Livro sobre o nada*. Rio de Janeiro: Record.
- Baudrillard, J. (2002). *A troca impossível*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

- Benjamin, W. (1984). *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (2013). Destino e caráter. In W. Benjamin. *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Bergson, H. (2004). *O riso*. São Paulo: Martins Fontes.
- Berthold, M. (2014). *História mundial do teatro*. São Paulo: Perspectiva.
- Bíblia de Jerusalém*. (2013). São Paulo: Paulus.
- Bleichmar, S. (2005). *Clínica psicanalítica e neogênese*. São Paulo: Annablume.
- Boehlich, W. [org.] (1995). *As cartas de Sigmund Freud para Eduard Sllberstein*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bollas, C. (1992). *Forces of destiny*. London: FAb.
- Borges, J. L. (2012). Historia universal de la infamia. In J. L. Borges. *Cuentos completos*. Buenos Aires: Sudamerica.
- _____. (2009). Tres versiones de Judas. In J. L. Borges. *Ficciones*. Buenos Aires: Emecé.
- _____. (1999). Juan López e John Ward. In J. L. Borges. *Obras Completas de Jorge Luis Borges*. (v. III) São Paulo: Globo, 1999.
- _____. (2011). *Borges, oral & Sete noites*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Borges, J. L.; Casares, S. O. [org.] (2013). *Antologia de literatura fantástica*. São Paulo: Cosac Naify.
- Brandão, J. S. (2012). *Mitologia grega*. (3 vols.) Petrópolis: Vozes.

_____. (2014). *Dicionário mítico-etimológico*. Petrópolis: Vozes.

Bueno, F. S. (1974). *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. (9 vols.) Santos: Brasília.

Burckhardt, T. (1972). *Alchemy: Science of the Cosmos, Science of the Soul*. Baltimore, Maryland: Penguin Books.

Camus, A. (1942). *Le mythe de Sisyphe*. Paris: Gallimard.

Carlyle, T. (1894). *German playwrights: critical and miscellaneous essays*. (vol. I.) London: Chapman & Hall.

Carpeaux, O. M. (2011). *História da literatura ocidental*. São Paulo: Leya.

Carvalho, O. (1978). (abril) O Carma Familiar, Chave do Destino Humano? *Revista Planeta*, (67).

Cassin, B. (Org.) (2014). *Dictionary of untranslatables: a philosophical lexicon*. New Jersey: Princeton University Press.

Cervantes, M. (2008). *Don Quijote de la Mancha*. Peru: Ponto de lectura.

Cesarotto, O.; Leite, M. P. S. (1984). *O que é psicanálise*. São Paulo: Brasiliense.

Chantraine, P. (2009). *Dictionnaire étymologique de la langue grecque: histoire des mots*. Paris: Klincksieck.

Charcot, J.-M.; Richer, P. (1887). *Les Démoniaques dans l'Art*. Paris: Adrien Delahaye et Émile Lecrosnier [Editeurs].

Chesterton, G. K. (2012). *The soul of wit*. Mineola/New York: Dover Publications.

Cromberg, R. U. (2010). *Paranoia*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Delcourt, M. (1981). *Oedipe ou la légende du conquérant*. Paris: Les Belles Lettres. (Trabalho original publicado em 1944).

Deri, S. (2016). *Introdução ao Teste de Szondi: teoria e prática*. São Paulo: É realizações.

Dick, P. K. (2014). *Androides sonham com ovelhas elétricas?* São Paulo: Aleph. (Trabalho original publicado em 1968).

Dodds, E. R. (2002). *Os gregos e o irracional*. São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicado em 1950).

Drewermann, E. (1991). *La parole qui guérit*. Paris: Cerf.

Eleb, D. (2007). *Figuras del destino: Aristóteles, Freud y Lacan o el encuentro de lo real*. Buenos Aires: Manantial.

Eliot, T. S. (1968). *Four quartets*. Orlando: Mariner. (Trabalho original publicado em 1942).

Ernout, A.; Meillet, A. (2001). *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. Paris: Klincksieck.

Ésquilo. (2009). Os sete contra Tebas. In: _____. *Tragédias* (Jaa Torrano, trad.). São Paulo: Iluminuras.

_____. (2009). Prometeu cadeeiro. In: _____. *Tragédias* (Jaa Torrano, trad.). São Paulo: Iluminuras.

Fédida, P. (1999). *Depressão*. São Paulo: Escuta.

Fernandes, M. (2009). *A bíblia do caos*. Porto Alegre: L&PM.

Fontenrose, J. (1978). *The Delphic oracle, its responses and operations, with a catalogue of responses*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press.

Foucault, M. (2011). Le savoir d'Oedipe. In: _____. *Leçons sua la volonté de savoir: cours au Collège de France. 1970-1971*. France: Gallimard, Seuil.

Frayze-Pereira, J. A. (2004). O paciente como obra de arte: uma questão teórico-clínica. In: Herrmann, F.; Lowenkron, T. (Orgs.) *Pesquisando com o método psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____. (2000). Sobre o Trágico em Psicanálise: estranhamento e vertigem (Prefácio). In: Meiches, M. P. (2000). *A travessia do trágico em análise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____. (2002). Psicanálise, Teoria dos Campos e Filosofia: a questão do método. In: Barone, L. M. C. (coord.) *O psicanalista: hoje e amanhã*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____. (2005). A pesquisa do campo artístico como extensão da clínica. In: Barone, L. M. C. [coord.] *A Psicanálise e a clínica extensa*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____. (2008). Mesa 5 – A arte da interpretação: Debate. In: Herrmann, L.; Barone, L. M. C.; et all. [org.] *Ruptura de campo: crítica e clínica: IV Encontro Psicanalítico da Teoria dos Campos por escrito*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____. (2009). A especificidade da psicanálise como ciência poética. Palestra no evento *Clínica extensa: compulsão, tradição e ruptura*. Jornada da Teoria dos Campos, Centro CETEC.

_____. (2010a). *Arte, dor: inquietudes entre estética e psicanálise*. Cotia: Ateliê.

_____. (2010b). Psicanálise como ciência poética: interpretação e cura. In: Herrmann, L.; Barone, L. M. C. [coord.] *Interpretação e cura: V Encontro Psicanalítico da Teoria dos Campos por escrito*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____. (2011). Uma poética psicanalítica: Christopher Bollas e a questão da experiência estética. *Ide*, 34 (53).

Freud, E. (E. Freud) (1992). *Letters of Sigmund Freud*. New York: Dover.

Freud, S. (2006). *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad.). Buenos Aires: Amorrortu.

_____. (2006). Tratamiento psíquico (tratamiento del alma). In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 1, J. L. Etcheverry, trad.). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1890).

_____. (2006). Carta 71 (15 de octubre de 1897). In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 1, J. L. Etcheverry, trad.). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1897).

_____. (2006). Sobre los recuerdos encubridores. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 3, J. L. Etcheverry, trad.). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1899).

_____. (2006). La interpretación de los sueños. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 4-5, J. L. Etcheverry, trad.). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1900).

_____. (2016). Psicoterapia. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 6, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905a).

_____. (2016). O chiste e sua relação com o inconsciente. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 7, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905b).

_____. (2015). A instrução judicial e a psicanálise. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 8, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1906).

_____. (2015). O romance familiar dos neuróticos. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 8, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1909).

- _____. (2013). Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 9, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1910a).
- _____. (2013). Sobre o sentido antitético das palavras primitivas. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 9, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1910b).
- _____. (2006). Pontualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 12, J. L. Etcheverry, trad.). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1911).
- _____. (2010). A dinâmica da transferência. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 10, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912).
- _____. (2010). O início do tratamento. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 10, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913a).
- _____. (2012). Totem e tabu. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 11, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913b).
- _____. (2006). El motivo de la elección del cofre. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 12, J. L. Etcheverry, trad.). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1913c).
- _____. (2010). Recordar, repetir e elaborar. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 10, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914a).
- _____. (2010). Introdução ao narcisismo. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 12, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914b).
- _____. (2010). Alguns tipos de caráter encontrados na prática psicanalítica. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 12, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1916).

- _____. (2010). Uma recordação de infância em Poesia e Verdade. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 14, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917).
- _____. (2010). Caminhos da terapia psicanalítica. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 14, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919a).
- _____. (2010). Bate-se numa criança. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 14, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919b).
- _____. (2010). O inquietante. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 14, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919c).
- _____. (2010). Introdução a Psicanálise das neuroses de guerra. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 14, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919d).
- _____. (2010). Além do princípio do prazer. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 14, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920).
- _____. (2006). Más allá del principio de placer. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 18, J. L. Etcheverry, trad.). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920).
- _____. (2011). Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 15, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920).
- _____. (2011). Psicanálise e telepatia. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 15, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921b).
- _____. (2011). A organização genital infantil. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 16, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923a).

- _____. (2011). O Eu e o Id. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 16, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923b).
- _____. (2011). A dissolução do complexo de Édipo. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 16, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1924a).
- _____. (2011). O problema econômico do masoquismo. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 16, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1924b).
- _____. (2011). "Autobiografia". In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 16, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925a).
- _____. (2011). A negação. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 16, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925b).
- _____. (2014). Inibição, sintoma e angústia. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 16, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926a).
- _____. (2014). A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 16, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926b).
- _____. (1990). O valor da vida: uma entrevista rara de Freud. In Souza, P. C. (org.). *Sigmund Freud e o gabinete do Dr. Lacan*. São Paulo: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1926).
- _____. (2006). Fetichismo. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 21, J. L. Etcheverry, trad.). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1927a).
- _____. (2014). O humor. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 17, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1927b).

- _____. (2014). Dostoiévski e o parricídio. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 17, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1927c).
- _____. (2010). Mal-estar na civilização. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 18, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930).
- _____. (2010). A conquista do fogo. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 18, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1932).
- _____. (2010). Novas conferências introdutórias à psicanálise – Conferência 31 – A dissecação da personalidade psíquica. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 18, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933a).
- _____. (2010). Novas conferências introdutórias à psicanálise – Conferência 32 – Angústia e instintos. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 18, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933b).
- _____. (2010). Um distúrbio de memória na Acrópole. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 18, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1936).
- _____. (2006). Construcciones en el análisis. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 23, J. L. Etcheverry, trad.). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1937a).
- _____. (2013) Carta a Szondi de 18.09.1937. In: Szondi, L. *Introdução à Psicologia do Destino: Liberdade e compulsão no destino do homem; seguido de Análise de casamentos: Tentativa de elaboração de uma teoria da escolha amorosa*. São Paulo: É realizações, pp. 84-5. (Trabalho original publicado em 1937)
- _____. (2006). Moisés y la religión monoteísta. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 23, J. L. Etcheverry, trad.). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1939).
- _____. (2009). *Cartas entre Freud & Pfister (1909-1939): um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Viçosa: Ultimato.

_____.; Andreas-Salomé, L. (1966). *Correspondance avec Sigmund Freud*. Paris: Gallimard.

_____.; Andreas-Salomé, L. (1975). *Freud/Lou Andreas-Salomé: correspondência completa*. Rio de Janeiro: Imago.

Gay, P. (1989). *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Garcia-Roza, L. A. (2004). *Metapsicologia freudiana III: artigos de metapsicologia; 1914–1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Green, A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta.

_____. (2000). *Le temps éclaté*. Paris: Les Éditions de Minuit.

_____. (2007) Repetition compulsion and the pleasure principle. Special lecture for the Berlin IPA Congress. July 26th, 2007. Disponível em: <http://internationalpsychoanalysis.net/wp-content/uploads/2007/10/greenberlin.pdf>

Grillparzer, F. (1835) L'Aïeule. In *Théâtre allemand – II*. Paris: Livraisons, 1835. Deuxième série, tome III. (Trabalho original publicado em 1817).

Guimarães, L. M. (2012). *Três estudos sobre o conceito de narcisismo na obra de Freud: origem, metapsicologia e formas sociais*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo.

_____. (2014). O neologismo Narzißmus. *Correio da APPOA*. Vol. 233, Abril.

Guimarães, L. M.; Endo, P. C. (2014). (setembro) A origem da palavra *narcisismo*. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(3), pp. 431-49.

Guimarães, L. M.; Luzzi, T. E. (2014). Uma articulação entre Psicanálise e Cinema: o caso Zizek. *Berggasse 19*, V(1), pp. 149-61.

Hadot, P. (2014). *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. São Paulo: É Realizações.

_____. (1999). *O que é a filosofia antiga?* São Paulo: Loyola.

Hauser, A. (2007). *Maneirismo: a crise da Renascença e o surgimento da arte moderna*. São Paulo: Perspectiva.

Hedesan, G. D. (2016). *An Alchemical Quest for Universal Knowledge: The ‘Christian Philosophy’ of Jan Baptist Van Helmont (1579-1644)*. London/New York: Routledge.

Heraclitus. (2003). *Fragments*. London: Penguin Books.

Herrmann, F. (2015). Preâmbulo – Andaimos do real: um ensaio de psicanálise crítica. In F. Herrmann. *Sobre os fundamentos da Psicanálise: quatro cursos e um preâmbulo*. London: Karnac. (Trabalho original publicado em 1976)

_____. (2001). *Andaimos do real: O método da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1979).

_____. (1983). *O que é Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense.

_____. (2015). *O que é Psicanálise: para iniciantes ou não...* São Paulo: Blucher. (Trabalho original publicado em 1983).

_____. (2001). *Andaimos do real: Psicanálise do cotidiano*. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1985).

_____. (2003). *Clínica psicanalítica: a arte da interpretação*. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1991).

_____. (2001). *O divã a passeio: à procura da psicanálise onde não parece estar*. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1992).

_____. (1998). Creme e castigo: sobre a migração dos valores morais da sexualidade à comida. In I. Carone [org.] *Psicanálise fim de século*. São Paulo: Hacker.

_____. (2006). *Andaimes do real: Psicanálise da crença*. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1998).

_____. (1999) *A Psique e o Eu*. São Paulo: Hepsyché.

_____. (2007, dezembro) Entrevista com Fabio Herrmann. *Jornal de Psicanálise*, 40 (73), 13-39. (Trabalho original publicado em 2000).

_____. (2001) *Introdução à Teoria dos Campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____. (2002) *A infância de Adão e outras ficções freudianas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____. (2004) Pesquisando com o método psicanalítico. In F. Herrmann, F.; Lowenkron, T. [orgs.] *Pesquisando com o método psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, pp. 43-84.

_____. (2008). Mesa 5 – A arte da interpretação: Debate. In: Herrmann, L.; Barone, L. M. C.; et all. [org.] *Ruptura de campo: crítica e clínica: IV Encontro Psicanalítico da Teoria dos Campos por escrito*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____. (2015) *Sobre os fundamentos da Psicanálise: quatro cursos e um preâmbulo*. London: Karnac.

Herrmann, F. A.; Lima, A. A. (1982). O pensamento kleiniano: uma introdução crítica. In M. Klein *Psicologia*. São Paulo: Ática.

Herrmann, L. A. F.; Herrmann, F. A. (1970). *Entrevista em serviço social de casos: emoção – Conceitos Gerais*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Herrmann, L. (2007). *Andaimes do real: a construção de um pensamento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Hughes, R. A. (2016). *Retorno do Ancestral - Leopold Szondi, Hereditariedade e Análise do Destino*. São Paulo: É realizações.
- Jacobsen, J. P. (2001). *Niels Lyhne*. São Paulo: Cosac & Naify.
- Joly, B. (1996). L'alkahest, dissolvant universel ou quand la théorie rend pensable une pratique impossible. *Revue d'histoire des sciences*, 49 (2-3), 305-44.
- Jones, E. (1989). *A vida e a obra de Sigmund Freud*. (3 vols.) Rio de Janeiro: Imago.
- Julien, P. (2010). *A psicanálise do religioso: Freud, Jung, Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Jung, C. G. (1970). The significance of the father in the destiny of the individual. In C. G. Jung. *Collected works of C. G. Jung*. (v. 4) Princeton University Press, pp. 301-323. (Trabalho original publicado em 1909).
- _____. (1990). A importância do pai no destino do indivíduo. In: _____. *Obras completas de C. G. Jung*. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1909).
- _____. (1999). *Símbolos da transformação*. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1912).
- _____. (2004) *Psicologia e religião oriental*. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1940).
- Kaufmann, P. (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Knox, B. (2002). *Édipo em Tebas*. São Paulo: Perspectiva, 2002. (Trabalho original publicado em 1957).
- _____. (1979). *Word and Action: Essays on the Ancient Theater*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.

Kolody, H. (1996). *Caixinha de música*. Curitiba: Secretaria do Estado da Cultura.

Kris, E. (1954). Introduction. In M. Bonaparte; A. Freud; E. Kris [ed.] *The Origins of Psychoanalysis: Sigmund Freud's Letters, Drafts and Notes to Wilhelm Fliess (1887-1902)*. New York: Basic Book Inc.

Kupermann, D. (2010). A via sensível da elaboração: Caminhos da clínica psicanalítica. *Cadernos de Psicanálise – CPRJ*, Rio de Janeiro, 32 (23), 31-45.

Kundera, M. (2008). *A insustentável leveza do ser*. São Paulo: Companhia das Letras.

La Rochefoucauld, F. (1992). *Maximes, mémoires, oeuvres diverses*. Paris: Garnier.

Lacan, J. (1998). Formulações sobre a causalidade psíquica. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1946).

_____. (2009) Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse. In J. Lacan. *Écrits*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1953).

_____. (1986). *O seminário, livro I: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (2008). *O seminário, livro III: as psicoses (1955-1956)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (2009). Le séminaire sur “la Lettre volée”. In J. Lacan. *Écrits*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1957).

_____. (1986). *Le séminaire, livre VII: l'éthique de la psychanalyse (1959-1960)*. Paris: Seuil.

_____. (2008). *O seminário, livro VII: a ética da psicanálise (1959-1960)*. Rio de Janeiro: Zahar.

- _____. *Séminaire 7: L'éthique* (1959-1960). Disponível em: <http://staferla.free.fr/>
- _____. (2001). *Le séminaire, livre VIII: le transfert* (1960-1961). Paris: Seuil.
- _____. (2009). La direction de la cure et les principes de son pouvoir. In J. Lacan. *Écrits*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1961).
- _____. (1990). *Le séminaire, livre XI: les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1964).
- _____. (1991). *Le séminaire, livre XVII: l'envers de la psychanalyse* (1969-1970). Paris: Seuil.
- _____. (2009). *O seminário, livro XVIII: de um discurso que não fosse semblante* (1971). Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. *Séminaire 22 : R.S.I.* (1974-1975). Disponível em: <http://staferla.free.fr/>
- Lao Zi. (2014). *Dao De Jing*. São Paulo: Hedra.
- Laplanche, J.; Pontalis, J.-B. (2001). *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Leclaire, S. (1977). *Mata-se uma criança: um estudo sobre o narcisismo primário e a pulsão de morte*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Leminski, P. (2013). *Toda poesia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Leibniz, G. W. (2006). De Liquore Alcahest. In G. W. Leibniz. *Philosophische Schriften: Band 2* (1663-1672). Berlin: Akademie Verlag, pp. 291-293. (Trabalho original publicado em 1671).
- Lichtenberg, G. C. (1966). *Aphorismes*. Hollande: Pauvert [éditeur].
- Liddell, H. G.; Scott, R. (1968). *Greek-English Lexicon*. Oxford: Oxford University Press.

- Livro das mil e uma noites, volume 4: ramo egípcio + Aladim & Ali Babá.* (2012). Anônimo; (Mamede Mustafa Jarouche, trad.). São Paulo: Globo.
- Louraux, N. (1992). A tragédia grega e o humano. In A. Novaes (Org.). *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura.
- Mannoni, O. (1991). *Isso não impede de existir*. Campinas: Papirus.
- _____. (2014). *Freud: uma biografia ilustrada*. Rio Janeiro: Zahar.
- Manzano, A. L.; González, J. M. (2002). *O xadrez dos grandes mestres*. Porto Alegre: Artmed.
- Marton, S. (1992). O eterno retorno do mesmo: tese cosmológica ou imperativo ético? In A. Novaes (Org.). *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Marucco, N. C. (2007). Entre a recordação e o destino: a repetição. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41 (1), 121-36.
- Masson, J. M. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)*. Rio de Janeiro: Imago.
- Mcguire, W. (Org.) (1993). *Correspondência completa de Sigmund Freud e Carl G. Jung*. Rio de Janeiro: Imago.
- Melo Neto, J. C. (1979). Tecendo a manhã. In: _____. *Cabral – antologia poética*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- _____. (2000). *Morte e vida severina e outros poemas para vozes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Meneses, A. B. (2004). *Do poder da palavra: ensaios de literatura e psicanálise*. São Paulo: Duas Cidades.

- Menezes, L. C. (2001). *Fundamentos de uma clínica freudiana*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mélon, J. (2010). 1968-2008. Quarante années avec Szondi. *Szondiana*, ano 30, p. 147-195.
- Migueluez, O. M. (2007). *Narcisismos*. São Paulo: Escuta.
- Miller, J.-A. (2012). (março) Os seis paradigmas do gozo. *Opção Lacaniana*, 3 (7).
- Milton, J. (2015). *Paraíso perdido*. São Paulo: Editora 34.
- Melsohn, I. (2001). *Psicanálise em nova chave*. São Paulo: Perspectiva.
- Montaigne, M. (2010) *Ensaaios*. São Paulo: Penguin.
- Mora, J. F. (2004). *Dicionário de filosofia* (4 tomos). São Paulo, Loyola.
- Moret, J.-M. (1984). *Oedipe, la Sphinx et les Thébains: essai de mythologie iconographique*. Genève: Institut Suisse de Rome.
- Nasio, J.-D. (2013). *Por que repetimos os mesmo erros*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Nietzsche, F. (2006). *Introdução à tragédia de Sófocles*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1870).
- _____. (1978). *Obras incompletas* (Col. Os Pensadores). São Paulo: Abril. (Trabalho original publicado em 1882).
- _____. (2010). *Ecce homo*. Lisboa: Edições 70. (Trabalho original publicado em 1888).
- Onians, R. B. (2000). *The origins of European thought: about the body, the mind, the soul, the world, time, and fate*. Cambridge: University Press of Cambridge.

Ortega y Gasset, J. (1963). *Obras completas*, tomo II – El espectador. Madrid: Castilla.

Paracelsus. (1589–91). Bücher und Schrifften. *Basel: Huser*, 1 (3), 8–9.

Parmelin, H. (1981, fevereiro). As metamorfoses de um touro. *O correio da Unesco*, 9 (2).

Pavis, P. (2008). *Dicionário de teatro*. São Paulo: Perspectiva.

Pessoa, F. (1997). *A Língua Portuguesa*. Lisboa: Assírio e Alvim.

_____. (1955). A aranha do meu destino. In: _____. *Poesias inéditas (1930-1935)*. Lisboa: Ática.

Piglia, R. (2004). *Formas breves*. São Paulo: Companhia das Letras.

Poe, E. (2008). A. A carta roubada. In: _____. *Histórias extraordinárias*. São Paulo: Companhia das Letras.

Porto, P. A. (2002). “*Summus atque felicissimus salium*”: The Medical Relevance of the *Liquor alkahest*. *Bulletin of the History of Medicine*, 76 (1), 1-29.

Platão. (1980). *Górgias*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA.

_____. (2011). *O banquete*. Tradução de Carlo Alberto Nunes. Belém: Editora UFPA.

_____. (2014). *Crátilo*. Tradução de Celso de Oliveira Vieira. São Paulo: Paulus.

_____. (2015). *Apologia de Sócrates*. Tradução de Carlo Alberto Nunes. Belém: Editora UFPA.

Pontalis, J.-B. (1970, outono). Introduction. *Nouvelle Revue de Psychanalyse - L’objet du fétichisme*. (2).

_____. (1997). *Ce temps qui ne passe pas*. Paris: Gallimard.

Quinet, A. (2009, abril). Tempo de laiusar. *Stylus: revista de psicanálise*, (18).

_____. (2015a) *Óidipous, filho de Laios: a história de Édipo Rei pelo avesso*. São Paulo: Giostri.

_____. (2015b). *Édipo ao pé da letra: fragmentos de tragédia e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Quiroga, C. (2014). *Por qué no actúa Hamlet?: el deseo en el seminario 6 de Jacques Lacan*. Buenos Aires: Letra Viva.

Reinhardt, K. (2007). *Sófocles*. Brasília: Universidade de Brasília. (Trabalho original publicado em 1933).

Renger, A.-B. (2013). *Oedipus and the Sphinx: the threshold myth from Sophocles through Freud to Cocteau*. Chicago and London: University of Chicago Press.

Richter, J.-P. (1991). *Introducción a la estética*. Madrid: Verbum.

Rilke, R. M. (2013). *Cartas a um jovem poeta*. Porto Alegre: L&PM.

Rosa, J. G. (2001). *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1956).

_____. (1994). Ave, palavra – Cartas na mesa. In: _____. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. v. 2. (Trabalho original publicado em 1966).

_____. (2009). Desenredo. In: _____. *Tutaméia* (Terceiras estórias). Rio de Janeiro: Ediouro.

Rosenfeld, A. (1993). *História da literatura e do teatro alemães*. São Paulo: Perspectiva.

Roudinesco, E.; Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Rudnytsky, P. L. (2002). *Freud e Édipo*. São Paulo: Perspectiva.

Schotte, J. (1992). *Szondi avec Freud : Sur la voie d'une psychiatrie pulsionnelle*. Bruxelles : De Boeck.

Schiller, F. (2004). *A noiva de Messina*. São Paulo: Cosac & Naify. (Trabalho original publicado em 1803).

Schreber, D. P. (2010) *Memória de um doente dos nervos*. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Paz e Terra. (Trabalho original publicado em 1903).

Sêneca. (2008, janeiro-junho). Carta de Sêneca a Lucílio, CVII. *Prometeus – Filosofia em Revista*. (Aldo Dinucci, trad.), 1 (1).

Serra, O. (2007). *O reinado de Édipo*. Brasília: Universidade de Brasília.

Silva, I. A. (1995). *Figurativização e metamorfose: o mito de Narciso*. São Paulo: Unesp.

Shakespeare, W. (2006). *Hamlet*. London: Cengage Learning. (Trabalho original publicado em 1685).

_____. (2011). *Hamlet*. (Millôr Fernandes, trad.). Porto Alegre: L&PM.

_____. (2009). *Macbeth*. Tradução de Manuel Bandeira. São Paulo: Cosac & Naify.

Sofio, F. (2015). *Literacura: Psicanálise como Forma Literária*. São Paulo: Fap-Unifesp.

Sófocles. (1997). *Ájax*. In G. Almeida; T. Vieira. *Três tragédias gregas*. (T. Vieira, trad.). São Paulo: Perspectiva.

_____. (2014). *As traquínias*. (T. Vieira, trad.). São Paulo: Editora 34.

_____. (2009) *Antígone*. (T. Vieira, trad.). São Paulo: Perspectiva.

_____. (2012). *Édipo Rei*. (T. Vieira, trad.). São Paulo: Perspectiva/Fapesp.

_____. (2009) Electra. In Sófocles; Eurípides. *Electra(s)*. (T. Vieira, trad.). São Paulo: Ateliê Editorial.

_____. (2009) *Filoctetes*. (T. Vieira, trad.). São Paulo: Editora 34.

_____. (2012b) *Édipo em Colono*. (T. Vieira, trad.). São Paulo: Perspectiva.

_____. (1997). Electra. Tradução de Carlos Alberto Louro Fonseca. *Humanitas*. Coimbra, XLIX, 283-306.

Sophoclis. (1990). *Sophoclis Fabulae*. Edited by H. Lloyd-Jones and N. G. Wilson. Oxford: Oxford University Press.

Sophocles. (2006). *Fragments*. Texto editado e traduzido por H. Lloyd-Jones. Harvard University Press.

Stein, C. (1981) “Oedipe Roi” selon Freud. In M. Delcourt. (1944). *Oedipe ou la légende du conquérant*. Paris: Les Belles Lettres.

Szombati, A. (1982, 9 de maio). A touch of Babel. *The Guardian*, 14.

Szondi, L. (2013). Análise de casamentos: Tentativa de elaboração de uma teoria da escolha amorosa. In L. Szondi. *Introdução à Psicologia do Destino: Liberdade e compulsão no destino do homem; seguido de Análise de casamentos: Tentativa de elaboração de uma teoria da escolha amorosa*. São Paulo: É realizações. (Trabalho original publicado em 1937).

_____. (1937) *Analysis of marriages: An attempt at a theory of choice in love* (Contributions to fate analysis). Leiden: Martinus Nijhoff Publishers. Disponível em: www.szondi.ch

_____. (1963) *Schicksalsanalytische Therapie*. Switzerland: Verlag Hans Huber. Disponível em: www.szondi.ch

_____. (2013) Introdução à Psicologia do Destino: Liberdade e compulsão no destino do homem. In: *Introdução à Psicologia do Destino: Liberdade e compulsão no destino do homem; seguido de Análise de casamentos: Tentativa de elaboração de uma teoria da escolha amorosa*. São Paulo: É realizações. (Trabalho original publicado em 1967).

_____. (1967) *Freiheit und Zwang im Schicksal des Einzelnen*. Zürich: Verlag Hans Huber, 1968. Disponível em: www.szondi.ch

_____. (2016). Prólogo. In: DERI, S. *Introdução ao Teste de Szondi - Teoria e prática*. São Paulo: É realizações.

Szondi, P. (2004). *Ensaio sobre o trágico*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1961).

Timonti, A. (2012). *La démonologie platonicienne: histoire de la notion de daimon de Platon aux derniers néoplatoniciens*. Boston: Brill.

Van Helmont, J. B. (2013). The Secret of the Immortal Liquor called *Alkahest* or *Ignis-Aqua*. In: WAITE, A. E. [ed.] (1893) *Collectanea Chemica*. London: Global Grey, 2013. pp. 10-23.

Vernant, J. P. (1978). A bela morte e o cadáver ultrajado. *Revista Discurso*, n. 9.

_____. (2009). *Entre mito e política*. São Paulo: Edusp.

Vernant, J. P.; Vidal-Naquet, P. (2008). *Mito e tragédia na Grécia antiga*. São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1972).

Vieira, T. (2000, julho/agosto). Édipo: entre a razão e o *daímon*. *Revista USP*, São Paulo, (46), 88-96.

_____. (2009). A voz contrária de Antígone. In Sófocles. *Antígone*. São Paulo: Perspectiva.

_____. (2012) Entre a Razão e o *Daímon*. In Sófocles. *Édipo Rei*. São Paulo: Perspectiva; Fapesp.

Vigny, A. (1882). *Cinq-mars*: ou une conjuration sous Louis XIII. Paris: Petite Bibliothèque Charpentier. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/44199/44199-h/44199-h.htm>

Virgílio. (2014). *Eneida*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Ed. 34.

Žižek, S. (1992). *Looking awry*: an introduction to Jacques Lacan through popular culture. Massachusetts: MIT Press.

_____. (1993). *Tarrying with the Negative*: Kant, Hegel, and the Critique of Ideology. Durham: Duke University Press.

_____. (1999). Palestra: *Inside the Matrix*. International Symposium at the Center for Art and Media, Karlsruhe, October 28 1999. Transcrição disponível em: <http://www.lacan.com/zizek-matrix.htm>

_____. (2009). *Por que Lacan não é heideggeriano*. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rel/v2n3/v2n3a02.pdf>

Wells, G. A. (1969). *The plays of Grillparzer*. Oxford: Pergamon Press.

Werner, Z. (1823) Le vingt-quatre février. In: *Chefs-d'Œuvre du Théâtre Allemand – Werner, Mullner*. Paris: Chez l'Advocat Libraire. (Trabalho original publicado em 1809).

Sites consultados

<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>

www.szondi.ch

<http://murderpedia.org/>

Filmes citados

Anotando a China: uma viagem psicanalítica ao Oriente. (2006). Textos e fotos: Fabio Herrmann. Edição: Laura Taffarel Faerman. Narração: João Paulo Lorenzon Schaffa. (20 min). Brasil.

Blade Runner: O Caçador de Androides (Blade Runner). (1982). Dirigido por Ridley Scott (117 min.). Estados Unidos.

Blade Runner 2049 (Blade Runner 2049). (2017). Dirigido por Denis Villeneuve (164 min.). Estados Unidos.

Feitiço do tempo (Groundhog Day). (1993). Dirigido por Harold Ramis (101 min.). Estados Unidos.

Freud além da alma (Freud: The Secret Passion). (1962). Dirigido por John Huston (139 min). Estados Unidos.

Matrix (Matrix). (1999). Dirigido por Lana Wachowski e Andy Wachowski (150 min.). Estados Unidos.

Matrix Reloaded (Matrix Reloaded). (2003a). Dirigido por Lana Wachowski e Andy Wachowski (138 min.). Estados Unidos.

Matrix Revolutions (Matrix Revolutions). (2003b). Dirigido por Lana Wachowski e Andy Wachowski (129 min.). Estados Unidos.

No consultório de Lacan (Rendez vous chez Lacan). (2011). Dirigido por Gérard Miller (51 min.). França.

O chamado (The Ring). (2002). Dirigido por Gore Verbinski (145 min.). Estados Unidos.

O guia perverso da ideologia (The Pervert's Guide to Ideology). (2012). Dirigido por Sophie Fiennes (134 min.). Reino Unido.

Relatos selvagens (Relatos Salvajes). (2014). Dirigido por Damián Szifron (122 min.). Argentina/Espanha.

Tiras citadas

Laerte Coutinho. (2008). *Folha de São Paulo*, 17 de junho de 2008, Caderno Ilustrada.

Mordillo, G. (2014). *Tira em exposição no Museu do Humor em Buenos Aires*.